

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ISADORA CABRAL

TRAGÉDIA EM NEWARK:
NÊMESIS, DE PHILIP ROTH, E O DIÁLOGO COM A TRAGÉDIA GREGA

PORTO ALEGRE

2016

ISADORA CABRAL

TRAGÉDIA EM NEWARK:
NÊMESIS, DE PHILIP ROTH, E O DIÁLOGO COM A TRAGÉDIA GREGA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial
para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^aDr^a Márcia Ivana Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2016

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao nosso time de duas que me trouxe e me manteve até aqui. Aprendi a amar e a lutar contigo, mãe. Que sorte que tenho de ser tua filha!

À minha família do coração, Dindo, Charles, Dinda, Ana, Duda e demais Rossi: muito obrigada pelos almoços de domingo e abraços calorosos que sempre fazem toda a diferença.

Ao meu avô, por sempre se preocupar com a minha educação – do ensino infantil à universidade –, apoio fundamental para poder traçar o meu caminho.

A Márcia Ivana Lima e Silva, orientadora querida, pela jornada do TCC, mas também pelos quase três anos de PET (Programa de Educação Tutorial) e, principalmente, por sempre me instigar a continuar nas leituras do universo de Philip Roth.

À minha maravilhosamente inspiradora família de amigos que o curso de Letras me deu, agradeço por serem os melhores “seguradores de forninho” do planeta. Henrique, por nunca me deixar solitária na gargalhada desde a primeira semana de graduação até a última. Que jornada, meu amigo! Gui, por ser sempre a minha energia e o meu ombro amigo, mas especialmente por sempre saber a hora de me levar para comer um pastel com borda. Fabi, pelas conversas nos cafés de Porto Alegre e fotos que nunca mais me deixarão esquecer essa vida com vocês. Renata, minha diva ruiva, por ser a purpurina da minha vida e importante parceira na nossa luta feminista. Renan, por me inspirar a sempre levar a vida destemidamente. Camila, a miu mais amada do mundo dos duendes, por sempre trazer uma perspectiva mágica e criativa das loucuras e sofrimentos da Letras. Denise, nossa mãe letrista, por ser o nosso oráculo e o nosso conforto quando a vida acadêmica se mostrava muito pesada. Filipe Vuaden, por sempre rir quando ninguém ri e aliviar o nosso dia a dia cansado. Júlia de Campos, por todas as conversas sobre a vida e a sociedade e o universo. Francine, por ser parceira não só no estágio, mas nas voltas além do Instituto de Letras. Pedro, por ser um querido sempre disposto a longas noites de conversa e vinho. Pietra e Murilo, meu casal de nerds, por me acolherem sempre, no bom e no ruim. E também aos letristas que seguiram outros caminhos, mas continuaram na minha jornada: Gabriela Lery, Tiago e Ariane. Todos vocês foram, são e serão peças fundamentais nas minhas conquistas. Obrigada!

Às professoras e professores do curso de Letras da UFRGS, Antônio Sanseverino, Claudia Caimi, Juliana Schoffen e Ian Alexander, muito obrigada pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula.

Às professoras e professores da minha trajetória escolar como um todo, obrigada pelo apoio para que eu chegasse aqui. Agradecimento especial a Cristina Citolin, minha professora

da primeira série, por ter me transmitido o bichinho da leitura e da escrita quando eu ainda nem sabia que seguiria esses passos.

Aos meus alunos e alunas que em tão pouco tempo já me ensinaram tanto sobre a minha profissão e a minha voz na sociedade. Além de me mostrarem que vale a pena ter esperança no futuro. Obrigada por todo o amor, mesmo.

Às migas, meus pedacinhos nesse mundo, Pozzi, Samanta e Duda, por me mostrarem o poder da amizade entre mulheres, por me darem os apelidos mais estranhos e por me inspirarem e me darem coragem todos os dias para ser quem eu sou. Não dá mais para caminhar sem vocês.

Alice, minha irmã de outra mãe, que desde que me conheço por gente se faz presente. Obrigada por cada conversa, cada janta vegana, cada memória que já criamos juntas. E nunca se esqueça: *i carry your heart with me*.

Ao meu incrível grupo de mulheres lutadoras, I AM THAT GIRL: Porto Alegre, obrigada pela parceria na nossa jornada de lutas e força. Vocês são incríveis, gratidão eterna por vocês.

And to my powerful community out there – especially my soul sisters Meah, Nina, Rachel and Luana: I AM THAT GIRL girls, you are my hope and my light. Thank you for being you!

Tudo se afasta de nós, a começar por aquilo que nós mesmos somos e, em algum momento indefinível, conseguimos entender, em parte, que o nosso antagonista implacável somos nós mesmos.

Philip Roth, *O teatro de Sabbath*

RESUMO

O presente trabalho pesquisa o diálogo da tragédia grega com o romance contemporâneo *Nêmesis*, de Philip Roth. Assim, seguindo os pressupostos de Aristóteles em *Poética*, é possível perceber a estrutura trágica que embasa a constituição do enredo do romance. A parcela moderna da trama, por sua vez, fica por conta da racionalização exagerada do homem moderno, bem como as pressões sociais existentes atualmente. Essa tensão entre o trágico de antigamente e o romanesco de agora é a responsável pela caracterização atormentada e derrotada do protagonista do livro Bucky Cantor, um herói, portanto, trágico com nuances romanescas.

Palavras-chave: mitologia; tragédia; Philip Roth; romance.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the dialogue established between Greek tragedy and *Nemesis*, a contemporary novel by Philip Roth. Considering Aristotle's principles in his *Poetics*, the plot of the novel seems to be deeply based on the tragic structure. Meanwhile, the modern aspect of the plot is depicted by the excessive reasoning of the modern man, as well as the existing social pressures that act upon him. The tension between older tragic elements and current romantic ones is responsible for the tormented and defeated description of the main character, Bucky Cantor, which is, therefore, a tragic hero with romantic nuances.

Keywords: mythology; tragedy; Philip Roth; novel.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 TRAGÉDIA GREGA EM NEWARK.....	13
2.1 Peripécias e Reconhecimentos.....	17
2.2 Tragédia Rothiana.....	19
3 HERÓI TRÁGICO ROMANESCO.....	23
3.1 Biografia determinada pela ausência.....	25
3.2 Gênio do Mal.....	27
3.3 Inimigo de si mesmo.....	29
3.4 Bucky Cantor por Arnie Mesnikoff.....	32
4 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Na mitologia grega, a deusa Nêmesis é a responsável por punir a humanidade quando os homens agem de maneira errada. A sua primeira aparição como uma divindade foi na obra *Teogonia*, de Hesíodo, como uma das filhas de Noite (Nyx), o que já indica o seu caráter escuro e venenoso:

Noite pariu hedionde Lote, Sorte negra
e Morte, pariu Sono e pariu a grei de Sonhos.
A seguir Escárnio e Miséria cheia de dor.
Com nenhum conúbio divina pariu-os noite trevosa.
As Hespérides que vigiam além do ínclito Oceano
belas maçãs de ouro e as árvores frutíferas
pariu as Partes e as Sortes que punem sem dó:
Fiandeira, Distributriz e Inflexível que aos mortais
tão logo nascidos dão os haveres de bem e de mal,
elas perseguem transgressões de homens e Deuses
e jamais repousam as Deusas da terrível cólera
até que dêem com o olho maligno naquele que erra.
Pariu ainda Nêmesis ruína dos perecíveis mortais
a Noite funérea [...] (HESÍODO, 2003, p. 117)

Outra das primeiras menções à deusa, feita na obra *Os trabalhos e os dias*, também de Hesíodo, já mostra o seu papel como a responsável pela justa retribuição, punidora da humanidade:

Antes não estivesse eu entre os homens da quinta raça,
mais cedo tivesse morrido ou nascido depois.
Pois agora é a raça de ferro e nunca durante o dia
cessarão de labutar e penar e nem à noite de se
destruir; e árduas angústias os deuses lhe darão.
Entretanto a esses males bens estarão misturados.
Também esta raça de homens mortais Zeus destruirá,
no momento em que nascerem com têmperas encanecidas.
Nem pai a filho se assemelhará, nem filhos a pai; nem hóspedes a
hospedeiro ou companheiro a companheiro,
e nem irmão a irmão caro será, como já havia sido;
vão desonrar os pais tão logo estes envelheçam
e vão censurá-los, com duras palavras insultando-os,
cruéis; sem conhecer o olhar dos deuses e sem poder
retribuir aos velhos pais os alimentos;
[com a lei nas mãos, um do outro saqueará a cidade]
graça alguma haverá a quem jura bem, nem ao justo
nem ao bom; honrar-se-á muito mais ao malfeitor e ao
homem desmedido; com justiça na mão, respeito não
haverá; o covarde ao mais viril lesará com
tortas palavras falando e sobre elas jurará.
A todos os homens miseráveis a inveja acompanhará,
ela, malsonante, malevolente, maliciosa ao olhar.
Então, ao Olimpo, da terra de amplos caminhos,
com os belos corpos envoltos em alvos véus,

à tribo dos imortais irão, abandonando os homens,
Respeito [Aídos] e Retribuição [Nemesis]; e tristes pesares vão deixar
aos homens mortais. Contra o mal força não haverá! (HESÍODO, 2002,
p.34-35)

Além do seu caráter punidor, o poder da deusa é inevitável. Mais cedo ou mais tarde ela chega, especialmente se não houver, como escreve Joseph Campbell (2007, p.26), “[...] uma contínua “recorrência de nascimento” destinada a anular as recorrências ininterruptas da morte”. Isto é, se o herói se mantiver o mesmo e não se regenerar, a Nêmesis acontece. E como não se pode evitá-la, o seu estrago ocorre por intermédio das próprias virtudes do indivíduo:

“[...] o trabalho da Nêmesis — caso não nos regeneremos — se realiza por intermédio das próprias vitórias que obtemos: a maldição irrompe da casca de nossa própria virtude. Portanto, a paz, assim como a guerra, a mudança e a permanência, são armadilhas.” (CAMPBELL, 2007, p. 26)

É com esse caráter de fatal infortúnio que o mito da filha da noite é base de quatro romances do autor norte-americano Philip Roth: *Homem Comum* (2006), *Indignação* (2008), *A humilhação* (2009) e, o objeto de estudo deste trabalho, *Nêmesis* (2010). Os livros são romances curtos, de no máximo duzentas páginas, que não possuem ligação narrativa entre si apesar de serem considerados pelo próprio autor uma tetralogia. Os personagens não são os mesmos, o tempo narrado não é o mesmo e nem o narrador é o mesmo. O que liga as quatro obras é o mito da Nêmesis, já que em cada uma delas a justiça divina que a deusa grega representa se faz presente em diferentes formas, mas que causam de alguma maneira a mesma decadência sem volta do personagem principal.

Enquanto em *Homem Comum* a Nêmesis é representada pela doença e a velhice que acometem o protagonista, em *Indignação* e em *A humilhação* o que causa a grande desgraça na vida dos personagens são as situações específicas que são expostos: o primeiro não se conforma com a vida que leva, deixando sua indignação ditar suas ações e acabando por acabar com qualquer possibilidade de sucesso na vida. O segundo, por sua vez, é um ator de teatro que um dia foi muito consagrado até que não é mais capaz de encenar como antes, entrando em um espiral de emoções e acontecimentos que o levam à morte. Ou seja, um tem a sua Nêmesis na permanente condição de raiva que se coloca e o outro no declínio de sua vida profissional.

Já em *Nêmesis* a deusa não se faz presente apenas no título. No romance de 2010, e o último publicado por Philip Roth, conhecemos Bucky Cantor, um jovem de vinte e três anos

que consegue o seu primeiro emprego como responsável pelo pátio de recreio de uma escola de Newark e que nutre uma verdadeira devoção por seus alunos. Apesar de ser um grande atleta, vive com a decepção de não poder lutar na guerra devido a sua miopia. Quando uma epidemia de poliomielite toma conta do seu bairro, vitimando alguns de seus alunos, ele se vê no centro de uma realidade cruel e dolorosa.

Ainda que nos três livros anteriores da tetralogia o fio temático da destruição e da tragédia já estava, como vimos, fortemente presente, é nesse último livro da série que Roth traz não só o estrago na sua forma mais clara e atroz ao nos apresentar uma epidemia de poliomielite em pleno verão de 1944, mas também um romance contemporâneo que tem sua narrativa e seu herói completamente ligados à tragédia grega dos tempos antigos. São essas características que procuramos explorar mais detalhadamente neste trabalho, pois o diálogo direto com a mitologia faz do romance de Roth também uma tragédia, contudo com características que apenas os heróis contemporâneos são capazes de somar às grandes peripécias do tempo dos deuses antigos. Segundo Joseph Campbell, o romance moderno tem muito da tragédia grega:

O romance moderno, tal como a tragédia grega, celebra o mistério do desmembramento, que se configura como vida no tempo. O final feliz é desprezado, com justa razão, como uma falsa representação; pois o mundo — tal como o conhecemos e o temos encarado — produz apenas um final: morte, desintegração, desmembramento e crucifixão do nosso coração com a passagem das formas que amamos. (CAMPBELL, 2007, p. 32)

Essa dificuldade em aceitar um final feliz acontece porque o homem sabe que a *Nêmesis* e toda a sua destruição irá acontecer de alguma forma. Para o homem da Grécia dos mitos, ela chega na forma de grandes castigos como quando Édipo acaba casando com a própria mãe sem saber. Já no caso do homem moderno – e dos romances – a *Nêmesis* aparece no formato das grandes mazelas da atualidade. Bucky Cantor, o herói de *Nêmesis*, é um jovem que vê toda a sua vida desmembrar quando uma epidemia de poliomielite toma conta da sua cidade. Neste caso, o homem moderno Bucky vê a sua *Nêmesis* nessa grande doença que, na época, era completamente desconhecida.

Ainda que a forma como a deusa da justiça divina se faz presente na tragédia grega e no romance moderno não seja a mesma na sua completude, o diálogo entre esses dois tempos é evidente. Em *Nêmesis* temos a situação perfeita para acontecer uma tragédia digna do público grego da antiguidade, porém é a presença das pressões sociais e das ansiedades da vida contemporânea – típicas dos personagens de Philip Roth - que gera um novo tipo de

tragédia: a tragédia Rothiana. O que chamamos aqui de tragédia Rothiana é a soma de ideias e de estruturas de enredo da tragédia grega mais o homem atual com suas neuroses, dando origem a personagens como o protagonista de *Nêmesis*. Freud, em *O mal-estar da civilização*, diz: “Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a sociedade lhe impõe a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade” (2010, p. 31). No caso de Bucky Cantor, temos um homem atormentado pelo que gostaria de fazer (fugir da epidemia e seguir o futuro promissor que o esperava) e pelo que considera certo de acordo com as convenções da sociedade (permanecer no seu trabalho em plena epidemia, pois um homem honesto deve honrar suas responsabilidades). Cantor se vê sufocado e passa a acreditar que, não importa o que ele faça, a felicidade nunca será plena.

Assim, o herói moderno do romance de Roth se torna o grande paradigma das diferentes formas presentes neste trabalho: ele é o paradigma da tragédia grega ao ser um personagem que começa no topo e, por um erro, acaba caindo em infortúnios. E, também, é o paradigma do homem moderno atormentado por seus traumas, desejos e medos. Bucky Cantor e *Nêmesis*, portanto, mostram que, ainda que contendo importantes traços romanescos, o mito, as desventuras e os heróis trágicos não tiveram fim na antiguidade grega.

2 TRAGÉDIA GREGA EM NEWARK

Verão de 1944, Newark, Estados Unidos. Bucky Cantor, no auge dos seus vinte e três anos, era um exemplo a ser seguido para os meninos do pátio de recreio onde era fiscal naquela temporada. Seu porte atlético, seu ar de homem honrado, sua firmeza nas decisões faziam com que rapidamente todos quisessem ser como ele:

Seu estilo atlético de correr, com os pés virados para dentro, era imitado por todos os garotos que frequentavam o pátio, como também o modo decidido de elevar ligeiramente o corpo quando se movia quase na ponta dos pés e o leve balanço dos ombros musculosos ao andar. Toda a sua postura se tornara um modelo para alguns dos garotos tanto dentro quanto fora do campo de beisebol. (ROTH, 2011, p.17)

E é assim que Cantor, o protagonista de *Nêmesis*, é caracterizado pelo narrador do romance, Arnie Mesnikoff. Além de narrar, Arnie é aluno do nobre fiscal do pátio. Vítima da poliomielite, conta a vida do seu mestre vinte e sete anos depois da grande epidemia mudar o rumo da vida de Bucky. Através do olhar do pupilo, temos a figura de um homem praticamente invencível física e moralmente.

Aqui já temos o primeiro indicativo de que traços da tragédia grega fazem parte deste romance, uma vez que uma das propriedades de uma tragédia, segundo Aristóteles em *Poética*, é retratar (ou imitar, como coloca o filósofo) seres superiores. Ao colocar o herói em um pedestal, também se cria um parâmetro alto para que alguém possa ser um herói. Não é qualquer pessoa, portanto, que pode liderar um reino na Grécia Antiga ou lutar contra monstros no mundo sobrenatural. Da mesma forma que não é qualquer pessoa que pode ser o fiscal de um pátio cheio de crianças, em pleno verão sufocante, durante uma epidemia de uma doença de que ninguém sabia a origem. Ademais, é a glorificação inicial do personagem que faz com que sua queda futura seja ainda mais impactante.

Vale lembrar que os mitos, na sua grande maioria, têm como principal função fornecer exemplos de comportamento em sociedade. Eliade (1986, p.8) traz o conceito de mito vivo que recebe esse nome, pois “[...] fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência”. Por exemplo, a história de Édipo, de Sófocles, carrega junto dos seus acontecimentos a ideia de que o homem nem sempre tem o poder sobre suas ações. Fugir do destino pode causar danos ainda maiores – no caso, matar o pai e casar com a mãe – e só saber do que fez quando uma perigosa peste toma conta do reino e só a descoberta da verdade pode pará-la.

No caso do livro de Philip Roth, não existe mais essa carga de significância nos atos de Cantor. O romance moderno não tem a intenção de mostrar o que de errado pode acontecer caso não se faça o que é considerado certo. Contudo, não se pode negar que a ideia mítica permanece de alguma maneira. Dentro da própria narrativa, o herói é o exemplo para seus alunos. Assim, o que quer que aconteça com ele servirá de modelo para quem o admira, seja para o lado positivo – ser atleta, ser ágil, ser nobre, ser responsável – ou para o lado negativo – após a *Nêmesis* da pólio acabar de vez com qualquer vida de Bucky, o aluno narrador o tem como exemplo de derrota que não deve ser seguido.

Já para o público leitor da narrativa, ainda que não com a mesma força de antigamente, também existe uma espécie de alerta sobre como nem sempre estamos no controle das nossas vidas. O fato é que, independentemente se é uma tragédia encenada ou um romance contemporâneo, a figura do herói que sofre, mesmo sendo esse ser excepcional criado pelos mitos, é ainda muito presente.

Outro ponto que é de extremo valor na composição de uma tragédia, e que também se faz presente em *Nêmesis*, é a disposições das ações. Aristóteles, ao citar as partes que estruturam o gênero trágico, escreve:

A mais importante é a disposição das ações; a tragédia é imitação, não de pessoas, mas de uma ação, da vida, da felicidade, da desventura; a felicidade e a desventura estão na ação e a finalidade é uma ação, não uma qualidade. Segundo o caráter, as pessoas são tais e tais, mas é segundo as ações que são felizes ou o contrário. Portanto, as personagens não agem para imitar os caracteres, mas adquirem os caracteres graças às ações. (ARISTÓTELES, 2005, p. 25)

O enredo é a alma da tragédia e é também a alma do romance estudado. Voltando para Édipo, é possível ver que todas as desventuras e fortunas que aconteceram com o herói deram-se devido a algum ato cometido por ele ou por outro sujeito da história. Seu pai biológico, por exemplo, soube que seria morto pelo filho e que o mesmo casaria com a mãe no futuro, por isso ordena que joguem o bebê do penhasco. Jocasta, a mãe, decide dar o filho a um pastor que o entrega a um outro rei. A partir dessas duas ações, Édipo acaba sendo criado por pais que não são do seu sangue, fazendo com que, mais tarde, ele seja acusado de filho ilegítimo e, ao buscar respostas, descobrir que matará o próprio pai e casará com a própria mãe. A ação dele de fugir, acreditando que os pais adotivos são os que seriam vítimas das suas desgraças, é o que o leva a matar o pai biológico durante sua viagem, sem saber o que fazia. Assim, com a ação de matar o pai e rei de Tebas, quando chega à cidade, e depois derrotar a Esfinge, ganha como prêmio casar com a rainha viúva, ou seja, sua mãe Jocasta.

Todas essas etapas do desenrolar da tragédia de Édipo são o que definem o herói. Ele passa de bom filho a fugitivo, de rei/herói a, por fim, traidor/usurpador. O mesmo acontece com o herói de Philip Roth: Bucky Cantor passa de homem exemplar e convicto de suas crenças a homem atormentado e cheio de dúvidas para, no final, acabar como um homem solitário e derrotado. Assim como em *Édipo Rei*, a metamorfose do seu caráter acontece por causa dos atos que comete.

A mudança de homem exemplar a homem atormentado começa a ocorrer quando a poliomielite toma conta do seu bairro e, principalmente, dos seus alunos. Diante disso, a ação dele é de ficar na cidade no lugar de ir trabalhar em uma colônia de férias nas montanhas com a noiva, lutando uma batalha que não tinha como ganhar, pois acreditava que o seu lugar era ali e que ele, esquecendo um pouco do seu papel de apenas um homem normal, poderia fazer algo para mudar o caos que se instalava. É isso que desperta a temida Nêmesis: sua presunção de superioridade.

Com a grande desgraça já engatilhada, Cantor toma outra decisão, ação que mudaria toda a sua vida, e viaja para fora da cidade infestada pelo vírus da pólio, larga o pátio de recreio e vai trabalhar na paradisíaca colônia de férias nas montanhas com sua noiva. É nesse ato que seu fim de herói trágico começa a ser traçado, quando a deusa da vingança chega com toda a sua força, tomando de poliomielite o ambiente até então sadio. Além disso, junto vem a pincelada final de tragédia quando ele mesmo é vítima da epidemia.

Aqui vale lembrar que, para a mitologia, a deusa Nêmesis é a responsável pela justa retribuição e que, caso o homem não se renove e não procure vida constantemente, chega com força total. Logo, no romance, a deusa vingativa é a doença que assola a população de Newark, especialmente as crianças. Ao fugir do cenário de horror, Bucky acredita que está criando um novo destino para ele, porém já é tarde. Assim como Édipo que achou que estava tudo certo no seu casamento feliz com Jocasta e desconhecendo a horrível verdade, Bucky Cantor vê a sua salvação na possibilidade de trabalhar em um ambiente sem ocorrência de doença, com alunos saudáveis e fortes, com ar puro e, além de tudo, perto da mulher que amava. Ele, porém, também desconhecia a verdade, que, neste caso, são duas: a verdade que ninguém em 1944 sabia sobre a doença ao certo e que nada garantia que a mudança para as montanhas evitaria o contágio; e a verdade que ele, como bom herói trágico, criou para si, acreditando que seria o vetor da poliomielite e o responsável pela chegada da doença no local.

Além disso, nenhuma grande tragédia grega é incompleta, pois segundo Aristóteles (2005, p.26) “[...] a tragédia é a imitação duma ação acabada e inteira [...]”, sendo que, ainda nas suas palavras, “inteiro é o que tem começo, meio e fim” (2005, p.26), *Nêmesis* também tem um desfecho tão importante quanto o início ou o meio do enredo. E, novamente como nos tempos do trágico, tudo termina com sacrifícios, dores e perdas. Enquanto em *Édipo Rei* o herói termina por furar os próprios olhos como uma forma de autopunição, no romance de Roth o herói decide viver completamente sozinho, mesmo com todas as limitações físicas que contrair o vírus da pólio trouxe, e preso a uma eterna mágoa do passado, julgando ser merecedor desse castigo por acreditar ter sido o causador da chegada da doença à colônia de férias nas montanhas:

Em geral, ele projetava uma aura de fracasso inerradicável ao falar sobre tudo que mantivera em silêncio durante anos, não apenas aleijado fisicamente pela poliomielite, porém ainda mais desmoralizado por uma vergonha permanente. Ele era antítese do maior protótipo de vítima da doença em todo o país, Franklin Delano Roosevelt, pois no caso de Bucky a poliomielite o conduziu à derrota e não ao triunfo. (ROTH, 2011, p. 171-172)

Cada ação, cada volta no andar da história, fez o herói trágico dos tempos modernos chegar a sua posição final: um desatino tão feroz que é impossível voltar. Porém, a tragédia só será de boa qualidade se, além da coerência dos atos, houver também coerência na caracterização dos personagens. Ou seja, para que o caminho percorrido por Bucky faça de fato sentido ao culminar no seu grande final trágico, o caráter do herói deve ser consistente com o que está acontecendo. Aristóteles (2005, p. 25-26) cita alguns pontos que a criação dos personagens trágicos deve seguir e, na sua maior parte, pode-se dizer que são características que serviriam para a criação de personagens romanescos também. Para o filósofo, é importante que sejam bons – no sentido não necessariamente de ter bondade, mas de ser um indivíduo superior causador de pena -, sejam adequados – tenham as características certas para o enredo proposto – e que sejam constantes – coerentes com as ações que realizam e pensamentos e crenças que tenham.

Bucky Cantor preenche todos esses requisitos: é um sujeito que é apresentado como sendo superior e, por isso, nos causa pena ao testemunharmos sua queda. É também adequado na sua caracterização, tanto física - porte atlético, ágil – quanto emocional – fragilizado por ser filho de um pai bandido e também por não poder lutar na guerra porque é míope. Isso tudo também o faz ser coerente com todos os seus atos, já que é possível entender a razão de cada um deles ser cometido.

A tragédia, portanto, acontece a partir de um bom enredo em que as personagens condizem com o percurso da história. Embora exista novas nuances e problemas que surgem com a diferença de épocas, Philip Roth trouxe, a sua maneira, a tragédia grega para a cidade de Newark de 1944.

2.1 PERIPÉCIAS E RECONHECIMENTOS

Uma tragédia pode ser simples ou complexa (ARISTÓTELES, 2005). A complexa é quando existe uma “mudança de fortuna” que ocorre devido a uma peripécia ou a um reconhecimento ou a ambos.

A peripécia “[...] é uma viravolta das ações em sentido contrário [...] segundo a verossimilhança e a necessidade” (ARISTÓTELES, 2005, p. 30). Assim, uma ação que deveria ter um sentido positivo, por exemplo, acaba por ter um resultado negativo para a trajetória do herói. Em *Édipo Rei*, quando Édipo descobre quem é sua mãe, o que poderia ter sido uma notícia muito boa foi, na verdade, a causa da sua desgraça. Com Cantor acontece o mesmo: ir para a colônia de férias tinha todos os indícios do que poderia ser a felicidade para o desesperado fiscal do pátio do recreio; contudo, foi sua ida para lá que o levou a perceber que de nada adiantava lutar contra a pólio, destruindo de vez qualquer esperança que tivesse e transformando-o no homem fracassado do final do romance.

No caso de *Nêmesis*, essa peripécia causa dois choques na vida do herói. Como na época em que a história se passa não existia qualquer ideia do que causava o contágio da doença, o desconhecido acaba tendo dois saberes: de que a poliomielite é muito mais contagiosa e forte do que de fato se dava crédito na época e de que Bucky poderia ser o vetor da doença dentro da colônia de férias, afinal foi ele quem havia vindo de um lugar onde reinava uma epidemia. Esses dois fatos que chegam ao protagonista após a mudança dele para o que poderia ter sido o seu porto seguro, não se anulam. De fato a doença se espalha muito rápido e indiscriminadamente e apenas o ar puro das montanhas e atividades físicas regradas não são fortes o suficiente para pará-la. Como também existe a possibilidade plausível de Bucky Cantor ter sido quem trouxe a doença para lá, afinal ele se expôs por um longo tempo à doença, pois acreditava que nada aconteceria. Apesar de ter algum fundamento, não é possível confirmar com certeza se ele foi o grande responsável ou não. Como diz o próprio ex-aluno narrador em conversa com o já amargurado Cantor, foi a poliomielite que causou o mal,

Bucky não é o culpado (ROTH, 2011), mas não foi esse o ponto de vista que o ex-atleta escolheu.

Esse tipo de conflito moral causado por uma peripécia só é possível porque houve o que Aristóteles (2005, p.30) chama de reconhecimento. Ou seja, o que antes não era conhecido passa a ser. “O mais belo reconhecimento é o que se dá ao mesmo tempo que uma peripécia” (ARISTÓTELES, 2005, p. 30), pois apresenta a complexidade da tragédia. A tragédia simples – sem reconhecimento ou peripécia – não cumpre a sua missão de contar uma história que gere alguma reação do seu público. São as voltas, são os altos e baixos, são os caminhos desconhecidos e a surpresa que uma tragédia complexa causa que fazem a história digna de ser contada, envolvendo quem assiste ou lê. É o caso das famosas tragédias gregas, é o caso de *Nêmesis*.

O que dá o tom a toda essa complexidade é o fato de que o herói não segue este ou aquele caminho por causa de uma decisão clara e objetiva. Os desmembramentos e as tristezas de sua jornada acontecem porque ele errou. Não é falta de caráter, não é maldade ou vingança, o homem erra, na maioria das vezes, sem saber disso até que aconteça o reconhecimento, por uma falta de sorte ou de juízo de escolher dar outro passo. O herói trágico não é totalmente bom e altruísta, mas também está bem longe de ser um vilão cruel:

“[...] o herói em situação intermediária; é aquele que nem sobreleva pela virtude e justiça, nem cai no infortúnio em consequência de vício e maldade, senão de algum erro, figurando entre aqueles que desfrutam grande prestígio e prosperidade”. (ARISTÓTELES, 2005, p. 32)

Ressaltando que colocar o herói na posição de intermediário não significa que o sujeito tenha uma posição inicial menos exaltada ou celebrada. Ele tem uma posição social alta – seja sendo rei na Grécia Antiga ou sendo exemplo de honra para dezenas de meninos em Newark -, mas não significa que seja perfeito moralmente. Édipo mata um homem em uma briga, erro que cometeu sem nem saber a verdadeira gravidade, já que se tratava de seu pai biológico. Bucky errou ao ter a soberba de achar que nada poderia acontecer a ele em meio a uma epidemia, o que só reconheceu tarde demais.

Logo, cada momento desses na história apenas reforça que o que faz uma tragédia, mais do que os seus personagens, é o enredo, é como as ações são tomadas – onde, como, quando, por quê. Dessa forma, o caminho que leva à inevitável deusa Nêmesis vai sendo construído, uma peripécia e reconhecimento por vez.

2.2 TRAGÉDIA ROTHIANA

“Algumas pessoas têm sorte, outras não. Toda biografia é uma questão de chance e, a partir do momento da concepção, a sorte – a tirania da contingência – comanda tudo” (ROTH, 2011, p. 169). A sorte, o acaso, o desconhecido, o destino. Provavelmente são monstros tão assustadores quanto a temida deusa da justa retribuição, tendo o mesmo caráter de imprevisibilidade que ela.

Não saber o que poderá acontecer ao herói dita o tom de uma tragédia. Assim, acompanhamos as fortunas e os infortúnios de seres superiores que nos causam pena e sabemos que uma desventura sem tamanho pode vir à tona a qualquer momento. E, então, de repente não é só pena que se sente, mas também medo de que, já que tudo é tão imprevisível, isso possa acontecer com qualquer um de nós da mesma maneira. É quase como se fosse um jogo em que, independentemente das escolhas do jogador, o caminho já estivesse traçado:

O Destino é uma divindade cega, inexorável, oriunda da Noite e do Caos. Todas as outras divindades lhe eram submetidas. O céu, a terra, o mar e o inferno estavam sob seu império; nada era capaz de mudar o que ele havia decidido; numa palavra, o Destino era, ele próprio, essa fatalidade segundo a qual tudo acontecia no mundo. (COMMELIN, 2008, p. 6-7)

A fatalidade expressa pelo Destino, a *Moyra* para os gregos, é uma das chaves principais para as importantes tragédias gregas e também para o que chamaremos de tragédia Rothiana. Como estamos estudando neste trabalho, Philip Roth trouxe para o seu romance *Nêmesis* características e estruturas da literatura trágica grega. Entretanto, a jornada de Bucky Cantor tem as nuances que transformam essa tragédia em Rothiana, ou seja, com qualidades próprias do autor norte-americano.

Uma das principais variantes de Roth é a completa descrença. O homem pode ter sorte ou não, o homem pode escolher o caminho que for, mas o final feliz não existe. Aqui a ideia de não poder se lutar contra o destino tem um novo nível: nada pode nos salvar. É nesse sentido que o romance moderno não traz um exemplo para a sociedade como acontece com as mitologias, pois já não existe a possibilidade de, em se seguindo uma determinada escolha, a história tenha um bom desfecho que sirva de exemplo.

Ainda que Bucky seja exaltado como um herói durante a narrativa, há poucos momentos de esperança por parte dele após a grande epidemia tomar conta de seus alunos.

Isso acontece porque – em frente às mazelas do mundo moderno – ele já não tem forças para acreditar em um futuro realmente melhor. Em meio a tanto mal, a poliomielite e a impossibilidade de lutar na guerra com seus amigos, por exemplo, ser feliz é quase um pecado, um crime:

Se lhe era impossível lutar na Europa ou no Pacífico, ao menos poderia ter permanecido em Newark, porfiando contra o medo da poliomielite junto a seus meninos ameaçados. Em vez disso, estava naquele refúgio a salvo de qualquer perigo; em vez disso, decidira abandonar Newark por uma colônia de férias no topo de uma montanha isolada, escondida do mundo no final de uma estreita estrada de terra e camuflada por uma floresta quando vista do ar – e fazendo o que lá? Brincando com crianças. E feliz por fazer isso! E quanto mais feliz se sentia, mais humilhante tudo se tornava. (ROTH, 2011, p. 123)

Não é só a possibilidade de que algo de ruim aconteça, mas é a certeza do trágico sem nenhum direito de esperança. Esse sentimento de cruel ceticismo por si só já é uma tragédia na vida do herói de Roth, porque, com isso, não importa o que aconteça, lutar já não é possível. Assim, Bucky Cantor vai permitindo que, pouco a pouco, sua vida tome o mais desastroso percurso: um homem jovem, saudável, mas que acredita fracamente em si e no mundo. Quando os primeiros alunos ficam doentes e morrem, sua breve crença desaparece ao culpar Deus pela inescrupulosa epidemia, dirigindo um ódio cego e sem tamanho a uma figura abstrata, mas que tem pesado valor cultural. Especialmente em uma comunidade de judeus, como é o caso de Cantor vindo de família judia e parte da comunidade judaica de Newark. Para ele, bloquear e questionar de maneira tão feroz o Deus sempre tão idolatrado socialmente é o primeiro peso que a descrença moderna da felicidade lhe traz.

Existe também a falta de confiança e de fé nas pessoas em geral. Para o sujeito protagonista da tragédia Rothiana, não há uma pessoa no mundo capaz de salvá-lo do poço fundo e escuro em que a vida o colocou. Em parte por se culpar pelo desfecho horrível, mas principalmente porque não existe dentro da visão de mundo dele uma versão onde se possa sofrer menos. Não será, portanto, nem a noiva disposta a cuidá-lo e a casar com ele mesmo após a pólio o aleijar parcialmente, nem a família dessa noiva disposta a acolhê-lo como se fossem todos do mesmo sangue, nem mesmo o aluno que, assim como ele, contraiu a doença e também teve suas limitações, porém, diferente dele, soube triunfar e viver uma boa vida vinte e sete anos depois. Não importa o que os outros pensem ou façam, porque, como disse o ex-aluno narrador, “[...] não há ninguém menos passível de ser salvo do que um sujeito bom destroçado.” (ROTH, p. 190).

A falta de fé – lembrando que não significa apenas a fé religiosa, mas a fé como a capacidade de acreditar em algo/alguém – também complica ainda mais a relação do homem com o acaso que, por sua vez, faz com que o destino seja cumprido. Em *Édipo Rei*, foi o acaso que fez Édipo encontrar o pai biológico durante sua fuga e matá-lo em uma briga, mas isso só aconteceu porque já estava marcado que aconteceria no destino dos dois. Já em *Nêmesis*, o acaso com que as vítimas da doença eram “escolhidas”; o acaso do local com maior número de casos de poliomielite ser justamente onde Bucky morava e o próprio acaso de ele também ser contagiado, tudo isso não é tratado apenas como uma sorte – ou falta de – já lançada. Bucky procura respostas, motivos além da crença de que o destino quis assim e, principalmente, alguém para culpar. Afinal, o homem racional precisa de um fato concreto que explique absolutamente tudo. Inclusive uma epidemia de poliomielite durante o verão escaldante de 1944.

Com essa necessidade de razão a todo custo, a culpa é atribuída a qualquer criatura. No caso de Bucky, sua maior ira é direcionada a Deus que, segundo ele, é o grande responsável por tudo de ruim, não apenas a epidemia. Contudo, a mais devastadora das culpas é aquela que ele atribuiu a si mesmo. Ele é o culpado pela poliomielite ter chegado ao pátio do recreio e ter atingido seus pupilos e é de sua responsabilidade que a colônia de férias nas montanhas também tenha sido vítima da catástrofe. É preciso uma enorme quantidade de crença para que se possa compreender que nem tudo que acontece na vida tem um motivo racional de ser. Ao não se permitir tal pensamento, Cantor colocou a cereja no bolo na sua tragédia, tornando-se um homem fracassado por completo.

Por esse motivo, a Nêmesis é tão devastadora. No mundo antigo, ela “[...] permaneceu na terra e no Inferno para zelar pela punição dos erros e pela execução das regras imprescritíveis da Justiça.” (COMMELIN, 2008, p. 198), mantendo os homens no caminho da virtude. Já no mundo moderno de Bucky Cantor, a Nêmesis não aparece como a deusa filha da Noite, mas como a poliomielite. A infestação da doença vem para mostrar ao jovem professor que em nenhum lugar, nem mesmo no pátio de recreio de uma escola de Newark, alguém pode estar completamente com a razão e com o controle. Mantendo o caráter indiscriminado da divindade, não havia critérios para quem desenvolveria pólio. Isso para alguém como ele, que talvez tivesse sua única crença nas responsabilidades que deveria cumprir na vida, é algo sem precedentes.

Kenny tinha razão. Todos eles. Os que estão no campo e os que estão na arquibancada. As meninas pulando corda. São todos crianças e a poliomielite

está atrás de crianças. E vai varrer este lugar, destruir todas elas. Todas as manhãs, quando eu chegar aqui, mais algumas terão ido. Não há como fazer isso parar a menos que fechem o pátio de recreio. E nem isso resolverá – no final vai pegar até a última criança. A vizinhança está condenada. Nenhuma criança do bairro sobreviverá intacta, se é que vai sobreviver. (ROTH, 2011, p. 84)

Mais uma vez, a tragédia Rothiana impregnada pelo excesso de desconfiança e de procura pela razão, agrava ainda mais um quadro já decadente. Como se já não fosse suficiente o quadro de horror causado pela epidemia, Cantor piora sua situação ao decidir permanecer trabalhando, já que era impossível para ele acreditar que não poderia fazer nada diante daquilo. Assim, se a sua missão era cuidar do pátio de recreio, era isso que faria. Mesmo que quase não tivesse meninos para cuidar e que a sua função como fiscal já não fosse de muito serviço naquela situação.

Quando finalmente decide ouvir a noiva e procurar uma vida mais agradável, o tempo passado em meio a tanto sofrimento já havia mudado sua forma de ver o mundo para sempre. E como em toda a boa tragédia, o golpe fatal sempre vem, e a pólio acaba não só com a sua relação consigo e com os outros, mas também com seu porte atlético e com sua saúde antes tão admirados pelos alunos.

Diante de tanta perda, a redenção seguida de uma lição a ser aprendida seria o único caminho viável para um final menos trágico. Voltamos, porém, para o fantasma da descrença que o impossibilita de ter qualquer tipo de cura. O mal já o arrasou por completo e a ideia de recomeçar, presente em muitos mitos e fábulas, não é mais uma opção:

O sóbrio e moderno julgamento ocidental tem como base uma total falta de compreensão das realidades descritas nos contos de fadas, no mito e nas divinas comédias de redenção. Essas formas, no mundo antigo, eram consideradas de natureza mais elevada que a tragédia [...]” (CAMPBELL, 2007, p. 34)

Diferentemente do mundo antigo, o mundo moderno de Roth só abre espaço para a tragédia. Esta, apesar de também lidar com a devastação e o acaso como nos gregos, tem sua derradeira causa no homem incapaz de acreditar, acabando por crer apenas no fato de que tudo de ruim não tem remédio.

3 HERÓI TRÁGICO ROMANESCO

Que o percurso da história de Bucky Cantor é digno de uma boa tragédia grega, já foi possível perceber. Entretanto, ele ainda é um personagem de um romance moderno publicado em 2010. Assim, é a fusão do herói grego com o herói atual, o que gera esse sujeito conflituoso e sem esperanças.

Na sua posição de herói trágico, Bucky é apresentado como o atlético professor de educação física, homem que honra suas responsabilidades. O fiscal “[...] tinha o rosto admiravelmente resoluto, fundido em ferro e resistente às intempéries, de um jovem robusto em quem se podia confiar”. (ROTH, 2011, p. 17)

Já na sua posição de herói romanescos contemporâneo, ainda que seja ágil e muito bom no que faz, no fundo se sente fracassado por não ser apto a lutar na guerra devido ao seu problema de visão. Isso mais a sua pré-disposição a ser superior é o tipo de dicotomia que da base à caracterização atormentada do personagem principal de *Nêmesis*:

Sentia-se envergonhado de circular em trajes civis, envergonhado quando via os cinejornais sobre a guerra, envergonhado quando tomava o ônibus de East Orange para Newark ao final das aulas e se sentava ao lado de alguém que lia no vespertino a principal notícia do dia: “Cai Bataan”, “Cai Corregidor”, “Cai a Ilha de Wake”. Sentia vergonha de alguém que poderia por si só fazer alguma diferença enquanto as tropas norte-americanas no Pacífico sofriam uma derrota colossal atrás da outra.” (ROTH, 2011, p. 26)

Além disso, é importante lembrar que ele também é peça de destaque em uma tragédia Rothiana, o que acrescenta ao seu espírito heroico e ao mesmo tempo falho o sentimento de descrença cruel, qualidade fortemente presente em Philip Roth.

Esse é o indivíduo que enfrentará o trágico ano de 1944 em Newark. Ou seja, é através da lógica de mundo dele que a história acontece. Em *O personagem do romance*, Antônio Candido fala:

Na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser. No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem. [...] No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser. (CANDIDO, 2014, p.55)

A linha de coerência fixada dada por Roth, no caso de Bucky Cantor, é vista desde o início, desde a primeira apresentação do personagem. A primeira imagem dele é diretamente

ligada à imagem de herói trágico antes de ser enganado e destruído pelo seu destino: o imponente fiscal do pátio de recreio que corre muito bem, honesto e, acima de tudo, considerado exemplo para os alunos. Se essa fosse a única característica de Bucky ao longo de todo o romance, até seria possível ter coerência com alguma outra trama, mas não com a que nos é apresentada. Por isso, o lado heroico tão marcado é somado aos pequenos fracassos do homem da vida moderna. Assim, junto a essa apresentação de seus atributos vem a descrição da sua miopia e a impossibilidade de ir para a guerra. Mais do que isso, também logo sabemos que Bucky carrega outro peso grave: é filho de uma mãe que morreu no parto e de um pai bandido, de quem herdou a deficiência visual, que sumiu na vida após roubar dinheiro de lojas e ser preso. Ademais, para criar ainda mais coerência na sua formação, o que o faz ser tão honrado é a criação que teve do avô e da avó, que o criaram para ser um grande homem. Logo, essas são as mazelas da vida moderna que Bucky Cantor precisa lidar: não ser capaz de ir à guerra, o pai mau caráter e a pressão para seguir os ensinamentos dos avós de que “todos os atos de um homem devem estar imbuídos de responsabilidade” (ROTH, 2011, p. 23). Em *O mal estar da civilização*, Freud fala:

[...] nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (FREUD, 2010, p. 21)

Bucky segue essas três direções: sofrimento causado pelo mundo externo – poliomielite -, sofrimento causado pelos outros – pai sem caráter – e, ao final do romance, inclusive o sofrimento causado pelo próprio corpo, já que a doença prejudica seriamente a sua saúde física. Além disso, é esse sofrimento que o faz ser capaz de protagonizar uma tragédia Rothiana, já que é esse sofrimento já vivenciado, esses fantasmas tão presentes do passado que o transformam, pouco a pouco, no homem que não acredita, no homem racional que nunca será capaz de compreender um evento drástico como a epidemia de poliomielite no verão escaldante de Newark. É dessa forma que é feita a caracterização do herói de *Nêmesis*: a coerência de um indivíduo que desde a primeira aparição já estava fadado a ter um destino trágico.

3.1 BIOGRAFIA DETERMINADA PELA AUSÊNCIA

“[...]Bucky raramente permitia que os pensamentos sobre seus pais o atormentassem, muito embora sua biografia houvesse sido determinada pela ausência deles” (ROTH, 2011, p. 25). Assim que o ex-aluno narrador comenta sobre a relação de Cantor com os pais. Uma relação inexistente, mas que, justamente por esse motivo, é parte essencial de quem ele é.

O lugar do pai e da mãe foi tomado pelo avô e pela avó, pessoas boas que dedicaram suas vidas a tornar de Bucky Cantor um homem digno. Contudo, esse amor incondicional veio com o peso de ser esse homem digno de fato, sem chances de falhas. Isso somado à sombra de ter vindo de um pai bandido, fez do fiscal do pátio de recreio um ser incapaz de ir contra os seus deveres.

Essa incapacidade tem uma importância muito séria no percurso do personagem. A posição de sujeito exemplar que ele é colocado no início de *Nêmesis* é a posição que os avós o criaram para ser. A força que deseja passar aos seus alunos é exatamente o que sempre foi exigido pelo avô. O professor “queria passar para eles o que o avô lhe ensinara: resistência e determinação, a necessidade de serem fisicamente corajosos e fisicamente capazes, para nunca permitirem que alguém abusasse deles [...]” (ROTH, 2011, p. 27). Bucky Cantor não é apenas ele mesmo, mas é também a honestidade do seu avô e a falta de honestidade de seu pai. O filho, mesmo que inconscientemente, escolhe os aspectos da personalidade e do inconsciente parental que irá levar consigo (CORSO, 2006). Uma das escolhas de Bucky é negar qualquer semelhança com o pai biológico. É a falta de virtudes no pai que ele leva como um exemplo a não ser seguido:

A construção da identidade dos filhos não se estrutura necessariamente sobre o modelo das virtudes dos pais, evidentemente que essas podem servir de substrato, mas o que organizará a lista dos itens que um filho vai tomar para si está mais do lado do que falta a seus pais do que daquilo que eles possuem. (CORSO, 2006, p. 122)

Essa é a sua essência: a aceitação cega da imagem de homem idôneo, sem reconhecer que isso não deveria ser uma obrigação em todas as situações que a vida apresenta, e a luta contra a imagem do homem desonesto e criminoso, fazendo com que o medo de, nem que seja minimamente, não ser um sujeito completamente de boa índole não o permita compreender que existem momentos em que cumprir os nossos deveres tornam-se prejudiciais a nós mesmos.

Dessa maneira, sem nem ao menos perceber, Cantor abre o caminho para que a *Nêmesis* destrua a sua vida. Afinal, a desgraça sem remédio acontece até mesmo através das virtudes do indivíduo. No caso do fiscal do pátio de recreio, as suas maiores virtudes são a responsabilidade e a honestidade, contudo se ele não tivesse levado essas características ao extremo e não tivesse permanecido trabalhando no pátio em meio a uma epidemia descontrolada, as chances seriam maiores de que a sua ida à colônia de férias nas montanhas não tivesse tido o final triste que teve com o seu diagnóstico de poliomielite e a dúvida se ele foi mesmo o responsável por passar a doença para as crianças do local.

Além disso, se toda a criança, eventualmente, descobre que o pai não é o todopoderoso (CORSO, 2006), o protagonista de *Nêmesis* nunca rompeu esse laço com nenhuma das suas figuras paternas. Bucky Cantor é eternamente o menino que, assustado e com nojo, matou a pauladas o rato que havia aparecido no depósito da loja do avô:

Sangue misturado a fragmentos de ossos e cérebro penetraram nas fissuras entre as tábuas do assoalho do depósito depois que, não tendo conseguido suprimir completamente uma súbita ânsia de vômito, ele usou a pá para recolher o animal morto. (...) Estranhamente, nada – nem mesmo a cauda sem vida e os quatro pés imóveis – dava a impressão de estar tão morto quanto os pares de bigodes, tão finos quanto agulhas e manchados de sangue. Ao brandir a arma, não notara os bigodes, só havia registrado as palavras “Mata ele!” como se formuladas em seu cérebro pelo avô.” (ROTH, 2011, p. 24)

Embora já com vinte e três anos de idade, ainda é o menino que juntou o cadáver do animal em uma pá e passou em frente ao avô para mostrar a sua conquista. Bucky ainda é o menino que aprendeu a “[...] enfrentar qualquer obstáculo, inclusive ser filho de um homem que o avô nunca deixou de descrever como um ‘sujeito sem caráter’” (ROTH, 2011, p. 22). Logo, não importa o que aconteça no seu caminho, sem a ruptura com esses fantasmas ele não compreende que os erros do pai não são de responsabilidade dele ou que a honra exacerbada do avô nem sempre é a melhor escolha.

Ele também não entende que, em muitos momentos da vida, não existe uma figura com o poder absoluto de ser o culpado de todo o mal ou de todo o bem. Nem o pai, nem o avô, nem ele e nem Deus – que, em determinado ponto da narrativa, irá receber uma fúria de Bucky muito similar com a dirigida ao pai biológico. Assim, com a sua visão de mundo, Cantor não enxerga que as imperfeições e fragilidades dos outros – e dele mesmo – não são apenas defeitos a serem vencidos, mas fazem parte da formação de qualquer sujeito e de

qualquer sociedade. É mais do que isso: existem poderes que vão além de qualquer caráter, como situações extremas feitas o surto sem precedentes de pólio em que é inserido.

Por causa dessa cegueira, Cantor toma a responsabilidade de ser fiscal do pátio de recreio a níveis extremos, assumindo, assim, o papel do herói superior a todos que é capaz de fazer importante diferença em uma epidemia. E, por um período, se coloca na posição de inatingível, acreditando que nada de ruim pudesse acontecer com a sua saúde mesmo estando completamente exposto à doença. É assim que a soberba acontece. Soberba que não permite ao herói trágico romanesco reconhecer que não é esse ser superior que tudo pode, mas sim um ser humano suscetível a desventuras como qualquer outro.

Logo, é possível dizer que foi o excesso de responsabilidade que ruiu Cantor. Uma responsabilidade que teve o seu peso cultivado desde a infância. Responsabilidade que tomou o lugar da ausência da mãe e do pai e que não permitiu ao herói se libertar das amarras fortes e sufocantes que o dever de ser um homem honrado o trouxe. Faltou a Bucky, portanto, o entendimento de que nem tudo pode ser resolvido, de que nem toda a ação deve ser tomada apesar de qualquer sacrifício ou dor e, principalmente, de que nem tudo é um troféu de coragem como o rato que matou no depósito do avô aos dez anos de idade.

3.2 GÊNIO DO MAL

“A concepção que ele fazia de Deus era de um ser onipotente que representava a união não de três pessoas em uma Divindade, como preconizava o cristianismo, mas de apenas duas: um filho da puta maluco e um gênio do mal.” (ROTH, 2011, p. 184). Assim é a relação de Cantor com Deus a partir do momento que o seu primeiro aluno é vítima da poliomielite e que vai se agravando ao longo do desenrolar trágico da história.

Como um judeu inserido em uma comunidade judaica praticante, ir contra a figura mais significativa da religião é algo perturbador. Tão perturbador que o personagem praticamente manteve as suas dúvidas quanto ao papel da Divindade em segredo até o encontro com o ex-aluno narrador vinte e sete anos depois da tragédia. O único momento que Bucky dá voz a essa angústia é em uma conversa com a noiva, mas que rapidamente muda o rumo, pois o fiscal tem medo de assustar a amada com os seus pensamentos tomados pela raiva que sentia do grande ser divino. Dessa forma, culpar Deus pelos males que aconteciam a seus alunos tornou-se mais um fantasma com o qual Bucky lutava sozinho. Além, é claro, de

ser mais uma culpa para o jovem homem carregar, já que, enquanto todos rezavam, ele calava o ódio que sentia, indo contra qualquer crença que a sua religião pregava. O impulso de culpar alguém por algo inexplicável tomou conta do fiscal do pátio de forma arrebatadora, acabando com qualquer fé que pudesse ter e o transformando cada vez mais no homem solitário e amargo que encontramos no final do romance. Culpando até mesmo Deus, Bucky Cantor assume por completo o papel do herói que em nada acredita, típico da tragédia Rothiana:

Mas por matar Alan de pólio aos doze anos? Pela existência mesmo da poliomielite? Como poderia haver perdão – e ainda mais aleluias- diante de uma crueldade tão insana? Ao Sr. Cantor pareceria uma afronta menor caso aquelas pessoas unidas pelo luto se declarassem celebrantes do Astro Rei, filhos de uma imutável divindade solar e, no estilo fervoroso das antigas civilizações pagãs do nosso hemisfério, se abandonassem a uma dança ritual em torno da sepultura do menino [...] Sim, muito melhor louvar o insubstituível gerador que vem sustentando nossa existência desde o começo [...] do que engolir a mentira oficial de que Deus é bom e se intimidar diante de um assassino de crianças a sangue-frio. (ROTH, 2011, p. 58)

Como protagonista de uma tragédia Rothiana, Cantor não crê em nada além da razão. Essa raiva de Deus é efeito colateral da sua dificuldade de estar em uma situação que não há explicações razoáveis para nenhum dos acontecimentos chocantes. E por mais abstrato que seja culpar um ser divino que ninguém vê, essa é a única saída que a sede por razão do personagem encontra.

Como visto anteriormente, o fato de não ser capaz de acreditar é por si só uma enorme tragédia no mundo trágico criado por Philip Roth. Bucky Cantor, em meio ao caos que a pólio instalou na sua vida, perde o que talvez fosse o seu único apoio para lutar contra as suas neuroses pessoais que afloraram em meio à desgraça. Embora a religião não seja realmente o caminho mais escolhido por Cantor desde o início, cortar de vez qualquer possibilidade de consolo é a sua cartada final para ser apenas um herói trágico. Freud (2010, p. 20) diz que “[...] apenas a religião sabe responder à questão sobre a finalidade da vida”. Afinal, mesmo que todas as dúvidas que o personagem levanta sobre o seu funcionamento sejam possíveis, a religião ainda é o caminho mais fácil de encontrar uma explicação sobre a finalidade da vida. Nem que seja apenas “Deus quis assim”, muitas pessoas conseguem montar abrigos contra a tragédia total que possa vir a abater a sua vida ao escolher acreditar nesse tipo de pensamento. Bucky, contudo, não é uma dessas pessoas, escolhendo a raiva absoluta no lugar.

É importante lembrar que a raiva do protagonista de *Nêmesis* não é direcionada apenas ao todo poderoso Deus. Em um primeiro momento, o seu grande alvo é o pai criminoso. A ausência presente desse pai que nem sequer conviveu, mas que culpa por todo o sofrimento

que a sua família passou. Quando a epidemia atinge seus alunos, parte dessa raiva é transferida a outra figura paterna: Deus. Ele que é tido como o misericordioso, o Pai de todos os seres, e que, segundo Bucky Cantor, é o culpado de todo o mal existente no mundo, inclusive o fato de ele ter um pai bandido e da mãe ter morrido no parto:

“Deus matou minha mãe no parto. Deus me deu um ladrão como pai. Quando eu tinha pouco mais de vinte anos, Deus me deu poliomielite, que transmiti a pelo menos uma dúzia de crianças, talvez mais [...]. Incluindo Donald Kaplow. Ele morreu num pulmão de aço no hospital de Stroudsburg em agosto de 1944. Devo estar muito amargo? Me diga você.” (ROTH, 2011, p. 183)

Essas são as palavras de Cantor ao ex- aluno Arnie, quase trinta anos depois que ambos contraíram pólio naquele verão de 1944. O ódio e ressentimento de ter tido a sua origem em um pai bandido é transferido completamente a Deus que seria, no seu ponto de vista, o maior dos criminosos. Entretanto, a verdadeira amargura, o verdadeiro ódio, o verdadeiro ressentimento que Bucky sente não é nem pelo pai biológico e nem pelo Pai de todos, mas sim por ele mesmo. A responsabilidade de toda uma epidemia é dele, e essa é a única e sincera crença que ele, sendo o homem que se deixou ruir pela razão exacerbada, se permite carregar.

3.3 INIMIGO DE SI MESMO

Ainda que a figura de Bucky Cantor decaia significativamente ao longo do romance – passando de homem confiável e ágil a homem derrotado e limitado – o seu ego heroico permanece. Não é porque o jovem rapaz de um pouco mais de vinte anos envelheceu amargamente, com um braço e uma perna inutilizados pela doença, que signifique que o sentimento de superioridade tenha se esvaído por completo.

Embora a sua vida tenha realmente se transformado em nada do que o jovem fiscal desejava, isso só aconteceu porque ele assumiu de vez a posição de herói trágico. Assim como Édipo se castiga furando os próprios olhos, Cantor escolhe se isolar em seu mundo de raiva como penitência. Essas atitudes não os fazem descer da colocação de alto nível que é ser um herói, pelo contrário, é com o sacrifício final que assumem a sua importância como indivíduos superiores, de bem, que pagam pelos seus erros.

No caso do protagonista de *Nêmesis*, negar qualquer auxílio da noiva ou da família dela e, assim, escolher passar o resto dos seus dias sozinho, dependendo de cuidados de uma avó que não viveu muito mais para realizar tal tarefa. Ou ainda ter se afastado de qualquer tipo de interação social, assumindo sem questionar o seu novo papel de homem inválido e descrente. Tudo isso é devido à crença de que ele foi o causador de toda uma tragédia ao ser o vetor da pólio. Entretanto, para se colocar em tal lugar é preciso acreditar também que se é possuidor de um poder tão grande quanto causar uma epidemia. E isso por si só já deixa evidente como, nem quando a desgraça o toma sem perdão, Bucky Cantor deixa de se achar de alguma maneira superior a qualquer infortúnio do destino.

Eliade (1986, p. 160) diz que a sociedade moderna traz comportamentos míticos na sua obsessão por sucesso “[...] que traduz o desejo obscuro de transcender os limites da condição humana”. No início do romance, Bucky tinha todos os planos e os sonhos de alguém atrás do sucesso, motivo que o fez acreditar que poderia ser de serventia se continuasse trabalhando em meio ao surto da doença. Rompeu com os limites (físicos e emocionais) que um ser humano geralmente é capaz de suportar porque o único sucesso que conhecia era ser uma pessoa excepcional que nunca desiste. Esse é o mesmo motivo que o leva a afastar a noiva assim que descobre ter a doença, já que não existia possibilidade de Bucky Cantor assumir que, no final, ser o sujeito mais idôneo existente não o protegeu do fracasso. Como a sua última decisão de ser superior digno de pena, resolve poupar a mulher amada de qualquer sofrimento que as limitações físicas, que são parte dele para sempre, possam causar a ela. Como mesmo fala o ex-aluno narrador, o maior triunfo de uma pessoa como Bucky “[...] está em poupar sua bem-amada de ter um marido aleijado, e o heroísmo consiste em negar seu desejo mais profundo ao abrir mão dela.” (ROTH, 2011, p. 190) e é exatamente essa atitude que toma. O herói trágico, portanto, nunca abandonou o herói romanesco criado por Philip Roth.

Outra característica que é extremamente presente em Cantor é o sentido trágico da responsabilidade (VERNANT, 1999, p. 23), que “[...] surge quando a ação humana dá lugar ao debate interior do sujeito, à intenção, à premeditação, mas não adquiriu consistência e autonomia suficientes para bastar-se integralmente a si mesma”. Decidir permanecer trabalhando mesmo diante de uma situação extrema, alheio ao fato de que é mortal e também pode ficar doente, gera o seu debate interior se foi ou não o vetor da poliomielite. A fronteira entre a humanidade – contrair a doença e, possivelmente, contaminar outras pessoas – e a sua posição de superior - a crença de que o seu papel é fundamental na epidemia, seja para o bem

ou para o mal – é onde acontece toda a sua desventura. É nessa zona fronteira entre ser um humano, mas ao mesmo tempo igualar o seu poder aos de divindades, que acontece o domínio da tragédia (VERNANT, 1999, p. 23). Assim, Bucky tem o seu final trágico ao ser vitimado pela doença e não compreender que não havia nada que pudesse ser feito para que nenhum sofrimento tivesse ocorrido naquele verão de 1944:

Por temperamento, não tinha senso de humor e, embora dotado de boa articulação verbal, não era nem um pouco espirituoso, jamais na vida falara de forma satírica ou irônica, raras vezes contava uma piada ou se permitia uma brincadeira. Em vez disso, era alguém perseguido por um senso de obrigação exacerbado, porém dotado de pouca força mental, o que o fez pagar um alto preço ao atribuir os mais sombrios significados à sua história pessoal, coisa que se intensificou com o tempo e, perniciosamente, aumentou seu infortúnio. A destruição causada no pátio de recreio da Chancellor e em Indian Hill não lhe parecia um absurdo maligno da natureza, mas um grande crime de sua autoria, fazendo-o perder tudo que até então possuía e esfrangalhando sua vida. A culpa em alguém como Bucky pode parecer absurda, porém é, de fato, inevitável. Uma pessoa como ele está condenada. Tudo que fizer jamais irá corresponder ao ideal que carrega dentro de si. Nunca sabe onde termina sua responsabilidade. (ROTH, 2011, p. 190)

E esse é o homem que Bucky se transforma no auge da tragédia da sua vida, consumido por dúvidas, culpas e responsabilidades muito maiores do que ele. Como o narrador mesmo coloca, não tem mais volta: Bucky, cumprindo o seu papel de herói trágico com méritos, não permite que nenhum outro caminho que não seja o da destruição total seja seguido.

Lembrando que a tragédia é feita de ações, como foi bem explicado por Aristóteles em *Poética*, e que são essas ações que caracterizam o personagem e não o contrário. Por esse motivo, podemos afirmar que a vida de Bucky Cantor foi construída por uma decisão errada seguida de outra. Mente fraca, como bem diz o ex-aluno que narra a sua história, vai se deixando afundar a cada passo dado. Isso acontece porque, no mundo trágico, cada ato tem um duplo sentido. Vernant fala,

Na perspectiva trágica, portanto, agir tem um duplo caráter: de um lado, é deliberar consigo mesmo, pesar o pró e o contra, prever o melhor possível a ordem dos meios e dos fins; de outro, é contar com o desconhecido e incompreensível, aventurar num terreno que nos é inacessível, entrar num jogo de forças sobrenaturais sobre as quais não sabemos se, colaborando conosco, preparam nosso sucesso ou nossa perda. (VERNANT, 1999, p. 21)

Assim, ainda que a sua visão estivesse tomada pela superioridade burra em que se coloca, Cantor refletiu sobre cada ação que realizou e ponderou qual seria o possível resultado de cada uma delas. O que arrasa o herói trágico, porém, é algo que ainda amedronta a

sociedade moderna: o desconhecido. Desconhecido que pode ser considerado o temido Destino (Moyra) no mundo grego, ou seja, a jornada – boa ou ruim – já está traçada de alguma maneira. O número de vezes que uma ação é pensada antes de ser feita não serve de nenhuma proteção contra o que não se conhece, contra o que não se pode alcançar. Não importa se estamos na Grécia antiga, em 2016 ou na Newark de 1944, é sempre esse segundo lado que, cada vez que agimos, causa as grandes viradas na biografia de um indivíduo. Com Bucky Cantor, o desconhecido veio com as piores surpresas para a sua história, difíceis de serem superadas até mesmo para um herói que não pendesse tanto para o trágico como ele.

3.4 BUCKY CANTOR POR ARNIE MESNIKOFF

Nêmesis conta as desventuras de Bucky Cantor durante uma epidemia de poliomielite em Newark, contudo a história, e todos os seus mínimos detalhes, não são narrados por um narrador onisciente – em terceira pessoa, que sabe todos os detalhes da trama, inclusive os pensamentos dos personagens – ou por Bucky mesmo, em primeira pessoa. A história é narrada por Arnie Mesnikoff, aluno do fiscal do pátio durante o período em que os fatos se desencadeiam.

De acordo com Ligia Chiappini Moraes Leite (1994, p.37), ao apresentar a classificação de narradores de Norman Friedman, o narrador do romance de Roth seria um narrador-testemunha. Esse tipo de narrador “narra em 1ª pessoa, mas é um “eu” já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil.” (LEITE, 1994, p. 37).

De modo geral, Arnie apresenta essas características na sua narrativa. Ele conta a história em primeira pessoa, mas não de maneira escrachada, sendo, sim, um “eu” já interno à narrativa. Logo, com exceção do último capítulo, são poucas as vezes que o aluno de fato se coloca como narrador e participante do enredo, algumas dessas vezes sendo bem sutis. Um exemplo está presente bem no início do livro quando diz “Ali onde morávamos, numa área do sudoeste chamada Weequahic e ocupada por judeus, nada soubemos sobre isso [...]” (ROTH, 2011, p. 9). O narrador refere-se ao primeiro caso de poliomielite que havia sido registrado no começo de junho em um bairro pobre italiano do outro lado de Newark. A presença de Arnie está marcada na flexão dos verbos na terceira pessoa do plural (*mostrávamos, soubemos*),

mostrando que ele, quem está contando, está incluídos nos personagens também. Entretanto, por muitos acontecimentos do romance a narração não indica mais a participação como personagem secundário do narrador. O leitor passa a conhecer de verdade quem está contando o que aconteceu com Cantor apenas páginas depois, quando os casos de pólio já começam a crescer e o narrador, mais uma vez, se coloca: “A manhã seguinte foi a pior até então. Mais três meninos diagnosticados com pólio – Leo Feinswog, Paul Lippman e eu, Arnie Mesnikoff.” (ROTH, 2011, p. 80). E mesmo com essa apresentação tão direta, são poucas as outras ocorrências diretamente sobre Mesnikoff.

Nesse sentido, portanto, ele se encaixa no perfil do narrador-testemunha, já que é um personagem secundário que testemunhou tudo o que conta. No quesito verossimilhança talvez não fique tão claro a sua classificação, já que um narrador em primeira pessoa, por mais discreto que seja, ainda é apenas um ponto de vista de uma história, o que necessariamente pode excluir fatos que contem exatamente a verdade. No caso de Arnie Mesnikoff, não nos atrapalha tanto essa possível ocultação de dados porque o último capítulo do livro esclarece muitos pontos importantes, inclusive quanto ao narrador.

No capítulo final, temos o encontro de Arnie com Bucky, vinte e sete anos depois da epidemia. O aluno com trinta e nove anos e o professor com cinquenta. É nessa reunião que nos é explicado que tudo o que é contado pelo aluno, na verdade, foi contado a ele pelo professor. Ou seja, Mesnikoff é o intermediário do discurso de Bucky. Todos os infortúnios e as fortunas narradas tiveram origem não apenas na testemunha do Arnie de doze anos, mas principalmente pelas memórias que Cantor dividiu com o ex-pupilo em cada almoço que compartilhavam após o reencontro. Dessa forma, é mais fácil acreditar na veracidade dos fatos apresentados no decorrer do romance, ainda que seja inevitável questionar algumas nuances que os olhares dos dois personagens trazem para o tom com que tudo é mostrado ao leitor.

Em primeiro lugar, o fato de Bucky Cantor ser apresentado por um ex-aluno já o coloca em um patamar de superioridade. Embora décadas depois o mesmo aluno tenha visto o que foi feito do jovem fiscal exemplar, o ar de admiração de pupilo pelo mestre permanece. Cantor, ou Sr. Cantor para Arnie, era o exemplo de homem que todos os meninos a quem dava aulas queriam ser. E mesmo com a sua posição de fracassado, o pupilo ainda o vê como um homem bom e honesto, porém agora destroçado pelas maldades do destino.

É importante lembrar que, se boa parte das informações contadas por Arnie Mesnikoff lhe foram passadas pelo próprio protagonista da trama, é possível que nem tudo tenha sido, na sua completude, como foi contado. Então, a história de *Nêmesis* passa por vários pontos de vista: passa pelo o que teria acontecido realmente, pelo o olhar do aluno de doze anos em 1944, pelo olhar do jovem Bucky, pelo olhar do Bucky de vinte e sete anos depois e, por fim, pelo olhar do aluno agora com trinta e nove anos. Assim, as influências são muitas até chegar ao tom que é usado na narrativa, e é justamente isso que nos faz colocar Cantor na classificação de ser bom digno de pena. Afinal, o aluno acredita na superioridade do personagem principal do romance e Bucky, por sua vez, acredita que foi injustiçado pelas mazelas da vida e aceita de bom grado essa posição de homem elevado. Supondo que o narrador não fosse esse e que não existisse qualquer influência do protagonista da história no conteúdo oferecido ao narrador, poderíamos muito bem ler sobre um jovem saudável e promissor que enfrentou uma epidemia grave, contraiu a doença e teve a sua vida virada de cabeça para baixo. Assim, ainda teríamos uma trama repleta de desventuras, mas o tom trágico, aquele que diz que é isso mesmo e não existe outra opção, talvez desaparecesse. Nós, como leitores, só conseguimos ter acesso a esse sentimento claro e puro de derrota carregado por Cantor desde o início, porque é assim que ele se colocou para o ex-aluno narrador e porque esse narrador assumiu essa posição trágica no seu discurso.

Além disso, o último capítulo de *Nêmesis* também explica a onisciência tão vasta do narrador-testemunha. De acordo com Ligia Chiappini Moraes Leite (1994, p. 37), “no caso do “eu” como testemunha, o ângulo de visão é, necessariamente, mais limitado”. Como personagem secundário, esse tipo de narrador não teria acesso a tudo da trama, como, por exemplo, pensamentos dos personagens ou momentos secretos vividos por eles. É possível, sim, o conhecimento de informações que não foram presenciadas pela testemunha, já que o narrador pode ter tomado conhecimento de outras maneiras, como cartas, conversas, diários, etc. Entretanto, a quantidade de detalhes ainda será mínima, pois não terá presenciado tudo.

Em *Nêmesis*, ainda que Arnie Mesnikoff seja um narrador-testemunha, a sua visão não é tão limitada assim. Muitas vezes é possível esquecer por completo que ele é também um personagem, já que mostra detalhadamente situações extremamente íntimas vividas por Bucky Cantor. Um exemplo disso é a primeira noite de amor entre Cantor e sua noiva, Marcia, depois que da chegada dele na colônia de férias. Mesmo que o professor tenha contado sobre aquela noite para o ex-aluno narrador, os detalhes são muito precisos para uma história passada por alguém durante uma conversa:

Num segundo, ele abriu o cinto e desabotoou o short de Marcia, fazendo-o escorregar pelas pernas. Depois ela ergueu os braços como uma criança e Bucky, após pegar a lanterna de sua mão, puxou delicadamente a camisa de malha por cima da cabeça dela. Com os braços atrás das costas, ela abriu o fecho do sutiã e ele, se ajoelhando, com a sensação estranha e algo vergonhosa de que vivera para aquele momento, tirou as calcinhas de Marcia. (ROTH, 2011, p. 118)

As particularidades de cada movimento e sensação dos personagens nos remete a um narrador onisciente que é muito próximo dos sujeitos da história, contando tudo detalhadamente. Dessa forma, conhecer tudo o que narra é explicado com o reencontro do narrador com Bucky Cantor e as conversas dos dois, em que o ex-fiscal se coloca em uma posição de vulnerabilidade e expõe todas as suas tristezas e mais remotos pensamentos. A forma detalhada como a narrativa se dá, porém, pode ser exagerada, mas não é nada que prejudique a obra de alguma maneira. Apesar de ser tão cruel e friamente realista em alguns momentos, vale lembrar que estamos tratando de uma ficção. Logo, o narrador não precisa corresponder exatamente a todas as formas do nosso mundo real.

Após toda essa análise, percebemos que o que é de maior relevância no narrador de *Nêmesis* é, portanto, o seu lugar de fala. Saber que a história é narrada por um ex-aluno, também vítima da poliomielite, anos depois daquele triste verão faz toda a diferença. Não só porque assim podemos entender o que essas pequenas diferenças de ponto de vista e de conhecimento dos fatos causam na forma narrativa da obra, mas também porque sabemos que a voz que nos conta toda essa tragédia teve um caminho muito similar ao do protagonista.

Arnie contraiu pólio aos doze anos durante a mesma epidemia que Bucky também foi vítima. Uma criança saudável com toda a vida para ser descoberta, e um jovem de vinte três anos também saudável e cheio de planos para o futuro. Os dois tiveram as suas jornadas sentenciadas ao desenvolverem a doença, já que ambos ficaram com graves sequelas da poliomielite, não conseguindo andar caso não tivessem algum suporte como muletas e aparelhos nas pernas. Além da deficiência física, Bucky nunca casou e nunca mais lecionou, escolhendo a solidão completa. Já Arnie, sofreu muito na adolescência com a aceitação das pessoas e com o fato de não poder mais jogar. Na faculdade, um colega de quarto, também vítima da doença, se matou por não conseguir lidar com a situação de aleijado. Mesnikoff pensou em fazer o mesmo, mas conheceu a sua esposa no último ano da faculdade e começou a sua vida. Nas palavras dele:

E pouco a pouco a pólio deixou de ser o único drama, fui perdendo o hábito de me queixar do destino. Entendi que na Weequahic de 1944 eu vivera

durante todo o verão uma tragédia social que não precisava ser também uma tragédia pessoal pelo resto da vida. (ROTH, 2011, p. 187)

E aí está a grande diferença entre o narrador e o protagonista do romance de Roth. Enquanto o primeiro conseguiu se libertar das amarras que uma grande tragédia cria nas suas vítimas, o outro nunca foi capaz de fazer esse movimento. Arnie sofreu muito devido à epidemia de 1944, também lida com os seus próprios traumas e limitações e nunca irá saber o que é alegria outra vez (ROTH, 2011, p. 186), contudo ele consegue, de alguma forma, se renovar. Isso só é possível, porque, diferentemente de Bucky, o narrador está aberto a mudanças e não tem a mesma visão trágica da vida como um todo. Entendendo que a epidemia de pólio em Newark naquele ano não foi culpa de ninguém, além de ser um cruel acontecimento da natureza ou do acaso, Arnie consegue crescer e se livrar do estigma de fracassado. Por esse motivo não é um herói trágico como Cantor, mas sim um herói romanescos que apesar de qualquer adversidade ainda pode ter sucesso.

Essa dicotomia entre o narrador e o protagonista é de fundamental importância para o funcionamento do romance, já que, se não existisse essa figura de superação, tudo que se teria seria a história de um homem fracassado. Ao ter o percurso da vida de Bucky narrada por alguém que poderia ter tido o mesmo final trágico, não só se reforça a posição única de Bucky Cantor como um herói trágico, como também deixa claro que a tragédia mantém o seu caráter total e sem volta apenas para aqueles que não são capazes de superar a sua força devastadora. Assim, percebe-se que a tão temida e traiçoeira poliomielite pode ter sido a Nêmesis do povo de Newark naquele verão sufocante, mas a Nêmesis de Bucky Cantor durante todo o resto da sua vida foi ele mesmo.

4 CONCLUSÃO

Embora o livro de Philip Roth tenha sido publicado em 2010 e traga uma narrativa que se passa, na sua maioria, em 1944, o mundo trágico da Grécia antiga se faz bem presente na trajetória do protagonista de *Nêmesis*. A estrutura do romance em si é toda respaldada na estrutura de uma tragédia grega de qualidade, apesar de, é claro, ter a adição de elementos do romance moderno.

O principal elemento trágico na obra é a importância das ações realizadas pelo herói e o peso delas na configuração do caráter do mesmo. Vernant (1999, p.14), ao visitar a *Poética* de Aristóteles, ressalta que “[...] o jogo trágico não se desenrola conforme as exigências de um caráter; ao contrário, é o caráter que deve dobrar-se às exigências da ação [...]”. Aplicando essa ideia a *Nêmesis*, percebe-se que o personagem principal da trama sofre mudanças radicais entre a sua posição no início da história e no final, depois que cada ação já causou alguma diferença seja na sua forma física ou na sua maneira de ver o mundo. Assim, os pontos decisivos para que Bucky Cantor cumpra a sua trágica jornada são a decisão de permanecer trabalhando no pátio de recreio mesmo que estivesse claro o perigo de se conviver ativamente em plena epidemia de pólio e, depois, a decisão de aceitar o trabalho na colônia de férias nas montanhas longe da doença.

A primeira decisão é a que desencadeia a primeira parte da *Nêmesis* de Cantor. Ao se expor à doença sem dar créditos a quem dissesse que poderia ser perigoso, ele aceitou brincar com o destino abertamente. Como na tragédia o acaso é o maior inimigo do herói, essa atitude acaba por desencadear uma culpa no personagem ainda maior do que não poder fazer nada para salvar seus alunos. Agora Bucky também tem chances de ter contraído a doença durante o seu período de trabalho no pátio de recreio e ter sido o vetor do vírus nas montanhas que, até antes de sua chegada, estariam livres de qualquer infecção. Obviamente, em uma situação extrema como uma epidemia – especialmente em uma época onde o conhecimento científico ainda era escasso em muitos aspectos – é impossível garantir com absoluta certeza que o fiscal contraiu pólio antes e contagiou outras pessoas, mas é justamente essa dúvida que destrói qualquer mínima possibilidade de renascimento por parte dele.

Além disso, se a ida à colônia de férias nunca tivesse acontecido, talvez parte dessa culpa aterrorizante pudesse ter sido evitada, já que caso os casos de poliomielite acontecessem por lá da mesma forma, não teria chances de ter sido sua responsabilidade. Ou se de fato foi ele o grande responsável ao menos a culpa de ter espalhado a doença nas montanhas não

existiria. E é nesse jogo com o que é e o que poderia ter sido que Bucky assume o seu papel de herói trágico com louvor.

A grande peculiaridade de Bucky Cantor é a fusão do herói trágico com o herói de um romance contemporâneo. Enquanto carrega consigo o peso de suas ações e a força inevitável da destruição do desconhecido, ele ainda luta com os fantasmas que as mazelas da vida moderna trazem. A falta de percepção de que o seu pai biológico e todos os seus graves defeitos não o definem também é um dos principais fatores de Bucky não possuir as ferramentas necessárias para discernir seus limites. Corso (2006, p. 247) lembra que “a paternidade é imposta e impostora ao mesmo tempo. O difícil para o filho compreender é que, dessa consciência da fragilidade paterna, nasce a condição para encontrar em si próprio os recursos necessários para viver”. Essa compreensão da fragilidade paterna faltou a Bucky não só quanto ao seu pai biológico, mas também quanto a sua figura paterna principal, representada pelo avô que o criou. Sem reconhecer que o ideal de grande homem imposto pelo avô é algo praticamente inatingível, o herói trágico romanesco criado por Roth não consegue aceitar que talvez nada do que aconteceu fosse sua responsabilidade. E sem conseguir se desvincular desse idealismo, carregar uma culpa absurda por algo fora do controle de qualquer ser humano é a única opção.

Outra característica importante que o mundo moderno traz para os traços trágicos do personagem é racionalização da atualidade. Com a razão tomando conta, acreditar que uma epidemia de uma doença sorrateira no verão escaldante de Newark é um fenômeno da natureza ou do acaso é algo difícil. O homem racional sempre vai procurar uma explicação, mesmo que a encontrada seja uma das mais absurdas, como, por exemplo, se colocar em um patamar tão superior que acredita ser capaz de ter sido o responsável por espalhar a doença e , ao mesmo tempo, culpar Deus por todo o mal que existe na terra. Campbell fala,

Não pode haver dúvidas: os perigos psicológicos pelos quais passaram gerações anteriores, com a orientação oferecida pelos símbolos e exercícios espirituais de sua herança mitológica e religiosa, nós, hoje (desde que não sejamos crentes ou, se crentes, desde que nossas crenças herdadas fracassem em representar os reais problemas da vida contemporânea), devemos enfrentar sozinhos ou, na melhor das hipóteses, com uma orientação experimental, improvisada e poucas vezes muito efetiva. Eis nosso problema, na qualidade de indivíduos modernos, “esclarecidos”, que foram privados da existência de todos os deuses e demônios por meio da racionalização. (CAMPBELL, 2007, p.107)

O homem moderno dentro de Bucky não acredita mais no poder obscuro de divindades como a deusa Nêmesis que vem para castiga-lo e, por isso, assume a culpa de todo

o mal que aconteceu. Por esse motivo também é uma tarefa complicada para o antes jovem e promissor atleta crer que isso é só uma peripécia do destino. Contudo, Cantor, no auge da sua procura por respostas, acaba culpando um ser completamente abstrato, ícone da fé, que é Deus. Até mesmo o ex-aluno narrador do livro, Arnie Mesnikoff, indaga o herói, aparentemente tão racional, quanto a sua crença no todo poderoso, recebendo a seguinte resposta:

“Acredito. Alguém fez este troço aqui.”

“Deus, o grande criminoso”, eu disse. “No entanto, se Deus é o criminoso, você não pode ser o criminoso também.”

“Está bem, é um enigma médico. *Eu* sou um enigma médico”, disse Bucky de modo pouco claro. Será que queria dizer que era um enigma *teológico*? (ROTH, 2011, p. 184)

Essa tensão entre acreditar em uma força superior ou não é o reflexo da tensão existente entre o herói trágico e o herói romanesco dentro da composição do personagem. A razão da sociedade moderna está ali, mas a relação direta com o poder divino dos tempos antigos também. E a presença tão marcante do divino acontece porque uma das particularidades da sua posição de herói trágico é ser um sujeito que dialogue com a ideia da perfeição da divindade, já que a tragédia é a representação de seres melhores do que nós (ARISTÓTELES, 2005, p. 35).

Vale lembrar que esse sentimento de atordoamento causado pela excessiva falta de crença do homem moderno é um dos pontos principais da tragédia Rothiana. Essa classificação se dá devido à fusão do trágico com as mazelas da atualidade, característica de livros do autor norte-americano. No caso de *Nêmesis*, o caráter de inevitabilidade que assombra os sujeitos dos tempos antigos é elevado a outro nível, já que não é mais apenas acreditar que existe um destino e que, não importa o que se faça, ele será cumprido, mas é também acreditar cegamente que esse destino não será bom.

É dessa forma que a *Nêmesis* acontece no romance. Ainda que ela não seja mais representada pela deusa da justa retribuição filha da Noite, no livro aparece como a poliomielite tão devastadora e poderosa quanto a divindade grega. E Bucky só permite a sua destruição total, pois se perde em um labirinto de questionamentos e culpas que não permite que o ex-fiscal entenda que em situações extremas como essa nem sempre existe uma explicação concreta da razão de acontecer algo tão terrível. Por fim, a sua última chance de acreditar em alguma forma de redenção seria através da religião, porém a raiva direcionada a

Deus só faz com que ele inverta essa crença e passe a apontar a divindade como uma espécie de gênio do mal responsável por tudo de ruim.

A falta de superação do protagonista é o que faz dele um personagem trágico. Diferentemente do narrador do romance, o ex- aluno Arnie, Bucky não é capaz de se libertar de seus traumas pessoais e acaba por virar peça chave de uma tragédia em pleno ano de 1944. O aluno, entretanto, ainda que também tenha sido vítima da pólio e tenha seus próprios fantasmas para lutar contra, consegue encontrar uma mínima libertação ainda existente após um evento tão cruel nas suas vidas. É através do olhar do antigo pupilo do Sr. Cantor, mais de duas décadas depois do fim da epidemia e do início dos seus pesadelos individuais, que testemunhamos a decadência de um homem que deixou-se tomar tão fortemente pela sua Nêmesis que acabou por tornar-sea sua própria deusa da destruição.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- COMMELIN, P. **Mitologia grega e romana**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CORSO, L. Daiana; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. **Teogonia: a origem dos deuses**. 5. ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- LEITE, C.M. Ligia. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 1994.
- ROTH, Philip. **A humilhação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. **Homem Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. **Indignação**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Nêmesis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia antiga**. São Paulo: Perspectiva, 1999.